

Análise funcionalista da ordenação de orações temporais em relatos da Revista *Seleções*

*Functionalist analysis of
the positioning of temporal
clauses in reports of Revista
Seleções*

Sávio André de Souza CAVALCANTE (UFC)
savio.andrec@gmail.com
Maria Neurielli Figueiredo CARDOSO (UFC)
neuriellifc@gmail.com

CAVALCANTE, Sávio André de Souza;
CARDOSO, Maria Neurielli Figueiredo.
Análise funcionalista da ordenação
de orações temporais em relatos da
Revista *Seleções*. **Entrepalavras**,
Fortaleza, v. 6, p. 108-126, jan./jun.
2016.

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo analisar, subsidiado pela visão funcionalista, motivações sintáticas, semânticas e discursivas para a posição de Orações Temporais em relação à sua respectiva nuclear. A investigação se justifica pela necessidade de dar uma contribuição à descrição do português com base nos estudos funcionalistas. A pesquisa é de natureza qualitativa e quantitativa, pois lança mão de técnicas de interpretação para a descrição dos dados apresentados e, além do mais, considera o número de ocorrências como fator importante para a análise dos resultados. Quanto ao *corpus*, foram selecionadas edições publicadas durante quatro anos da Revista *Seleções*, os quais foram: 2002, 2003, 2008 e 2009. Com os resultados obtidos, percebeu-se que houve uma preferência pela utilização de Orações Desenvolvidas e também uma predileção pela anteposição das Orações Temporais em relação ao seu núcleo ou oração principal, sendo este último fato observado em mais da metade das ocorrências analisadas.

Palavras-chave: Orações temporais. Relatos. Funcionalismo.

Abstract: The present work aims to analyze, subsidized by the vision functionalist, the motivations discursive in employment of temporal clauses. The investigation is justified by the need of giving a contribution a description of Portuguese based in functionalist studies. The research is of qualitative nature and quantitative, because it uses techniques of interpretation for the description of the data presented and, beyond the more, considers the number of occurrences as a factor important for the analysis of results. Regarding the corpus, were selected editions published during four years of Revista Seleções, which were: 2002, 2003, 2008 and 2009. With the results obtained, it was noted that there was a preference for using clauses developed and also a predilection by anteposition of the temporal clauses in relation to its core or main clause, latter being observed fact in more than half of the occurrences analyzed.

Keywords: Temporal clauses. Reports. Functionalism.

Introdução

A ordenação de termos é uma preocupação linguística, uma vez que se aceita o ponto de vista de que a colocação de itens em uma sentença não é aleatória, mas é motivada por fatores linguísticos e/ou extralinguísticos (SCHERRE; NARO, 2012).

As Orações Temporais, por serem pouco agregadas à principal, gozam de maior flexibilidade do que outros constituintes. Tanto na escrita como na fala, elas podem ocupar três tipos de posição em relação à principal ou nuclear: anteposição, intercalação ou posposição. É possível que tais padrões de ordenação exerçam importante papel no desenvolvimento de narrativas, funcionando como elemento que atua no desenvolvimento do tópico e que instaura o cenário temporal no qual as ações narradas são desenvolvidas (CHAFE, 1988; DECAT, 2001; CAVALCANTE, 2015).

A Gramática Tradicional frequentemente explica as questões relacionadas à ordem como um aspecto estilístico, literário, e, às vezes, fruto dos impulsos da subjetividade humana (ROCHA LIMA, 1988; CIPRO NETO; INFANTE, 1998; BECHARA, 1999).

No entanto, análises linguísticas de cunho funcionalista apontam para o fato de que a ordenação de termos em uma sequência é motivada por fatores linguísticos e/ou extralinguísticos. No que diz respeito à ordenação de temporais, estudos apontam que determinadas posições podem ser motivadas pelos seguintes fatores: relação cronológico-temporal estabelecida com a principal (GÖRSKI, 2000; SOUZA, 2006; CAVALCANTE, 2015), tipo de oração e de conectivo (PEREIRA, 2004), extensão da oração (PAIVA, 2012), topicidade (BRASIL, 2005), relações

lógico-semânticas (DECAT, 2001; CAVALCANTE, 2015), funções textual-discursivas (SOUZA, 2006; CAVALCANTE, 2015), escolaridade do falante (VOTRE, 2012; CAVALCANTE, 2015), entre outros. De forma a apresentar mais dados para esses tipos de estudos, este trabalho pretende analisar como as posições das orações temporais são motivadas pelos grupos de fatores *relação temporal* e *tipo de oração*. O primeiro grupo, se comprovado, dará validade ao princípio de iconicidade, propostos por Givón (2001), apresentado mais adiante. Já a atuação do segundo grupo fornecerá mais dados para a descrição da posição de orações em relação ao seu tipo (reduzida ou desenvolvida).

Os textos escolhidos para análise são relatos de experiências cômicas apresentados na revista *Seleções*, entre os anos de 2002 e 2009. Como esses relatos não apresentam informações que nos permitam situar a estrutura social na qual os enunciadores estão inseridos, prescindiremos da análise da atuação de fatores extralinguísticos nesse momento. Assim, consideraremos os grupos de fatores relação cronológico-temporal (anterioridade, simultaneidade e posterioridade) e tipo de oração (oração reduzida, oração desenvolvida) nos 47 dados encontrados de temporais nas três posições em análise.

O artigo em pauta está dividido em quatro partes. Na primeira delas, denominada *Fundamentação teórica*, apresenta-se a linha teórica que fundamentará a análise, uma discussão sobre o objeto de estudo — as Orações Temporais, bem como uma exposição sobre relatos. Em seguida, na Metodologia, delinear-se-á o percurso científico de análise do fenômeno em questão, apresentando o processo de coleta de dados, os métodos para tratamento das ocorrências e as variáveis em análise. Adiante, segue-se a apresentação e análise dos resultados. E, por fim, seguem as Considerações Finais.

Fundamentação teórica

Nesta seção, serão expostos os fundamentos teóricos que embasarão as análises e ajudarão explicar a motivação para a ordem das temporais. Em primeiro lugar, será apresentada a linha teórica utilizada, o Funcionalismo linguístico e seus princípios. Em seguida, serão expostas considerações acerca das Orações Temporais nas gramáticas tradicionais e em pesquisas relacionadas à Linguística. Por fim, uma discussão sobre o gênero relato.

Funcionalismo em Linguística

Em linhas gerais, a corrente funcionalista encara a linguagem como um fenômeno social, sendo a língua um instrumento maleável de interação e não-autônomo, em que a necessidade de comunicar orienta a organização estrutural do enunciado. O foco é a competência comunicativa, e o produtor das sentenças é tratado como hábil para interagir socialmente e competente para utilizar as estruturas linguísticas de forma a alcançar o outro.

O funcionalismo tem suas origens a partir dos trabalhos dos membros do Círculo Linguístico de Praga (CLP), que procuraram estabelecer relações entre a estrutura das línguas e suas funções. Antônio e Fuza (2009) dissertam acerca dos termos *função* e *funcionalismo* mostrando que:

Os termos *função* e *funcionalismo* são recorrentes na Escola Linguística de Praga, mas a interpretação desses vocábulos torna-se tarefa complexa, haja vista que o conceito é aplicado a vários domínios e fenômenos da linguagem, sofrendo modificações e, em alguns casos, o termo funcional é usado em um sentido vago. (ANTONIO; FUZA, 2009, p. 24).

Halliday (1985) prefere deixar o termo *função* livre para outras utilizações, propondo metafunções para a linguagem, as quais são: a ideacional, a interpessoal e a textual¹.

Quanto à gramática, o funcionalismo prevê gramáticas formalizadas e não-formalizadas, ambas dependentes dos sistemas semântico, pragmático e, algumas vezes, do discursivo. Exemplo de gramáticas formalizadas é a proposta por Dik (1989). Já Givón (2001) sugere uma gramática não-formalizada, motivada e não-arbitrária, levando a crer que há uma relação entre forma e função, refletindo o princípio da iconicidade.

Para Givón (2001), o princípio de iconicidade se divide em subprincípios². Para a análise que ora se apresenta, interessa-nos o subprincípio de sequência, que relaciona *ordem de importância* e *ordem de ocorrência e ordem reportada*. O primeiro prevê que as informações mais importantes são as primeiras a serem narradas. Já o segundo estabelece

1 Segundo Halliday (1985), distinguem-se três componentes funcionais (metafunções) realizados através das gramáticas das línguas, a saber: metafunção ideacional (experiencial e lógica), cláusula como representação; a metafunção interpessoal, cláusula como troca; e a textual, que relaciona as duas anteriores e dá status de mensagem à cláusula.

2 A saber: entonação, sequência, espaçamento e proximidade (Cf. GIVÓN, 2001).

que a ordem de organização das orações reflete a ordem cronológica das ações. Para ilustrar, veja-se o exemplo (01), a seguir, extraído do *corpus* em análise:

(1) “Quando lhe perguntaram sobre Victor Delta Oscar, ele respondeu (...)” (ago. 2003, p. 27).

Nessa situação, há dois eventos distintos, em que o primeiro deles estabelece os limites para o início do outro: a pergunta sobre Victor Delta Oscar e a indicação de resposta do interlocutor à indagação. Na situação, percebe-se que, em primeiro lugar, foi feita uma pergunta, para, em seguida, o participante respondê-la. Essa relação de anterioridade expressa na temporal motiva sua posição, refletindo o subprincípio de iconicidade de ordenação linear. Há casos em que alterações na ordem podem, inclusive, tornar a sentença agramatical do ponto de vista semântico, como mostra a série de exemplos (02a) e (02b):

(02a) Ficou noivo em fevereiro e casou-se em junho.

(02b) *Casou-se em junho e ficou noivo em fevereiro.

(BECHARA, 1999, p. 477)³.

Como se pode ver, há casos em que a ordem é importante, inclusive, para a gramaticalidade das sentenças, uma vez que, quando há uma quebra do princípio de iconicidade, a sentença não atinge seus propósitos e dificulta a compreensão do leitor. Portanto, a consequência natural é que ela seja descartada pelo enunciador.

Contudo, é importante salientar que não obrigatoriamente toda a gramática é motivada e que a relação forma/função nem sempre é 100% icônica, como aponta Givón (2001).

Lima (2009, p. 35) explica que “outra forma de entender a iconicidade é relacionando-a à marcação, entendida como os correlatos distribucionais e cognitivos da estrutura sintática”. Givón (1995) propõe três critérios para se fazer distinção entre categorias marcadas e não-marcadas: a complexidade estrutural, a distribuição de frequência e a complexidade cognitiva, sendo estes dois últimos associados ao relevo discursivo (fenômeno Figura e Fundo). A seguir, esboçam-se as características de cada um desses critérios:

³ Apenas o exemplo (02a) é de Bechara (1999). O exemplo (02b) foi adaptado para mostrar a agramaticalidade na alteração da ordem.

- a) Complexidade estrutural: a estrutura marcada tende a ser mais complexa (ou mais larga) que a correspondente não-marcada;
- b) Distribuição de frequência: a categoria marcada (Figura) tende a ser menos frequente, e é, portanto, mais saliente do que a correspondente não marcada (Fundo);
- c) A categoria marcada tende a ser cognitivamente mais complexa — em termos de esforço mental, demanda de atenção ou tempo de processamento — do que a respectiva não marcada.

(GIVÓN, 1995)

Hipotetizou-se, então, que a anteposição e a posposição seriam as posições menos marcadas, e a intercalação, por representar ruptura no bloco sujeito-verbo ou verbo-complementos, seria mais complexa cognitivamente e, portanto, menos frequente — a forma mais marcada. Por outro lado, é possível que a temporal às margens da oração seja a posição mais preferida pelos enunciadores.

A análise funcionalista também leva em conta a “relação entre uma oração tradicionalmente considerada ‘adverbial’” e a oração denominada nuclear (NEVES; BRAGA, 1998, p. 3). Para os teóricos funcionalistas, o que a tradição entende como subordinação é caso de hipotaxe, pois há níveis de integração e dependência diferentes entre os tipos elencados na seção de subordinação das gramáticas. Vejamos, na próxima seção, a visão de gramáticos e de alguns linguistas que se ocuparam em caracterizar as temporais.

A tradição gramatical

Segundo Rocha Lima (1988, p. 257, *itálicos do autor*), “é papel da oração temporal trazer à cena um acontecimento ocorrido *antes* de outro, *depois* de outro, ou *ao mesmo tempo* que outro”. Percebe-se, então, que o autor se vale de um critério semântico — a expressão de tempo —, característica que marca fortemente esse tipo oracional. Além disso, verifica-se que a temporal estabelece uma relação que vai além do sintático, mas também é semântico, por circundar temporalmente os feitos da nuclear. Assim, a ordem da temporal pode ser cronologicamente motivada, porque, em tese, as ações devem ser narradas na ordem em que aconteceram, como exposto acima, refletindo iconicidade.

Assim como Rocha Lima (1988), Cipro Neto; Infante (1998, p. 418) destacam o mesmo viés semântico ao mostrarem que essas orações “indicam basicamente ideia de tempo. Expressam fatos simultâneos, anteriores ou posteriores ao fato expresso na oração principal, marcando o tempo em que se realizam”.

Fazendo ecoar a mesma voz dos autores citados, Bechara (1999) também destaca o papel semântico de marcar tempo e, também, que essa subordinada estabelece relação temporal, com a nuclear, de anterioridade, simultaneidade e posterioridade, a depender da conjunção que a encabece. Mais uma vez, ressalta-se a expressão de tempo e a relação cronológico-temporal que estabelece com a nuclear, assim como discutido em Rocha Lima (1988) e em Cipro Neto; Infante (1998).

Os estudos em Linguística

Em face do exposto, a questão que se levanta é se há a possibilidade de caracterizar a temporal por outros caminhos que não sejam o sintático e/ou o semântico. Os estudos de Decat (2001) e Cavalcante (2015) mostram que a temporal também pode exercer funções textual-discursivas, como guia (direcionar/guiar o leitor/ouvinte), figura (narrar fatos importantes para o desenvolvimento da narrativa), fundo/moldura (circunstanciar temporalmente os eventos da nuclear) e fundo avaliativo (avaliar o estado-de-coisas⁴ expresso na nuclear). Além disso, os autores apontam que essas funções estão fortemente relacionadas à posição que ocupam em relação à nuclear.

Cavalcante (2015) buscou interpretações estatísticas que atestassem a relação entre posição da oração e sua função textual-discursiva. Essa variável foi considerada relevante para explicar os três padrões posicionais da temporal em relação à nuclear.

Quanto à anteposição, o estudo mostrou que o fator *guia* é relevante (peso 0.715)⁵. Assim, é natural que o produtor da sentença,

⁴ Para Dik (1989), “Estado-de-Coisas”, ou “State of Affairs (SoA)” é uma expressão usada no sentido amplo de “concepção de alguma coisa que pode acontecer em algum mundo. Esta definição implica que um SoA é uma entidade conceitual, não alguma coisa que pode ser localizada em uma realidade extra-mental, ou que pode ser considerada como existente em um mundo real” (DIK, 1989, p. 105).

⁵ “O peso de um fator é um valor calculado pelo Varbrul (com base em um conjunto de dados) que indica o efeito deste fator sobre o uso da variante investigada neste conjunto. O valor dos pesos recai sempre no intervalo entre zero e um (0-1), em que um valor de zero indica que tal variante nunca acontece quando este fator está presente, e um valor de um indica que tal variante sempre ocorre quando o fator está presente” (GUY; ZILLES, 2007, p. 239).

em primeiro lugar, situe seu interlocutor, para, em seguida, apresentar o estado-de-coisas da principal, como no exemplo (03), a seguir:

(03) “**Quando saía de lá**, a senhora me perguntou (...)” (nov. 2008, p. 158).

Essa estratégia mostra-se relevante, pois se faz necessário apresentar informações prévias, para situar o interlocutor aos acontecimentos que serão narrados posteriormente. Assim, explica-se a preferência pela anteposição.

No que diz respeito à intercalação, o fator *guia* também se mostrou relevante (peso 0.609). Além disso, também obteve peso considerável o fator *figura/temporal atípica* (peso 0.527), exemplificado abaixo em (04):

(04) “Estávamos encerrando a programação de setembro **quando nosso gerente teve dúvida quanto às datas de uma exposição** organizada pela embaixada do Japão” (set. 2003, p. 28-29).

Diferentemente do que apontam as gramáticas tradicionais, esse fator revela que a temporal não funciona simplesmente para indicar tempo, circunstanciando os fatos da principal. Em (04), o fato exposto na temporal é que faz a narrativa progredir, construída com verbo no pretérito perfeito. Por isso mesmo, Souza (2006) chama esse tipo de construção de temporal atípica, pois apresenta características diferentes das demais, “roubando a cena”, mostrando-se mais importante para a narração do que a principal.

Em relação à posposição, o fator *figura/temporal atípica* também se mostrou relevante (peso 0.588), e, além dele, o fator *fundo avaliativo* (peso 1.000), em que o falante avalia o estado-de-coisas expresso anteriormente, como se pode ver em (05):

(05) Maria fez todo o trabalho **quando não era função dela**.

No exemplo (05), há a interpretação de temporalidade — o momento em que Maria fez o trabalho —, porém há também outra interpretação — de avaliação —, ou seja, o falante emite um juízo de valor sobre o fato de Maria ter feito um trabalho que não era sua função.

O gênero Relato

O trabalho sobre relatos tem por finalidade conhecer as estratégias de expressão da vida, os desvios no percurso e sua criação, assim como o reconhecimento de seu lugar no plano pessoal e social. No caso dos analisados aqui, por possuírem uma veia cômica, podem se distanciar um pouco das abordagens conhecidas, como a de Pineau (1996), em que o fato de falar de si mesmo é uma prática arriscada, porém a mais eficaz quando se quer perceber a relação de interdependência entre duas ou mais pessoas. Mas isso não impede de trabalhar-se com preceitos da metodologia de coleta: relatos.

O relato tende a valorizar o indivíduo em detrimento do exclusivismo da estrutural social, pois lhe concede o poder da fala e a construção de sentidos múltiplos às suas avaliações pessoais. Isso será observado por meio das opções dos sujeitos na escolha da melhor estrutura oracional que reflita bem sua experiência com o mundo.

O que podemos perceber é que o relato não é apenas um simples contar de histórias, mas nasce a partir do desejo que o sujeito/autor possui de construir sua história de vida com base em sua memória vivida, seja ela de maneira cômica ou séria.

Metodologia

A presente pesquisa é de natureza quantitativo-qualitativa, uma vez que se vale de número de ocorrências e de generalizações para explicar o fenômeno em questão. Como mencionado anteriormente, a pesquisa foi realizada à luz da perspectiva funcionalista baseada em Givón (1995; 2001) para apresentar e explicar os resultados obtidos, a partir dos princípios da iconicidade e da marcação, propostos pelo linguista.

O *corpus* foi retirado de uma seção da revista *Seleções*, nome que recebe as versões brasileira e portuguesa da revista *Reader's Digest*. A seção escolhida é intitulada *Ossos do ofício*, em que profissionais de diversas áreas relatam experiências cômicas que ocorreram em seus trabalhos. Optou-se por essa seção, primeiramente, por se tratar de um gênero narrativo, que se vale, com mais frequência, de Orações Temporais para situar a história a ser contada.

Foram selecionadas edições publicadas durante 4 anos da Revista *Seleções*, escolhidos aleatoriamente, os quais foram: 2002, 2003, 2008 e

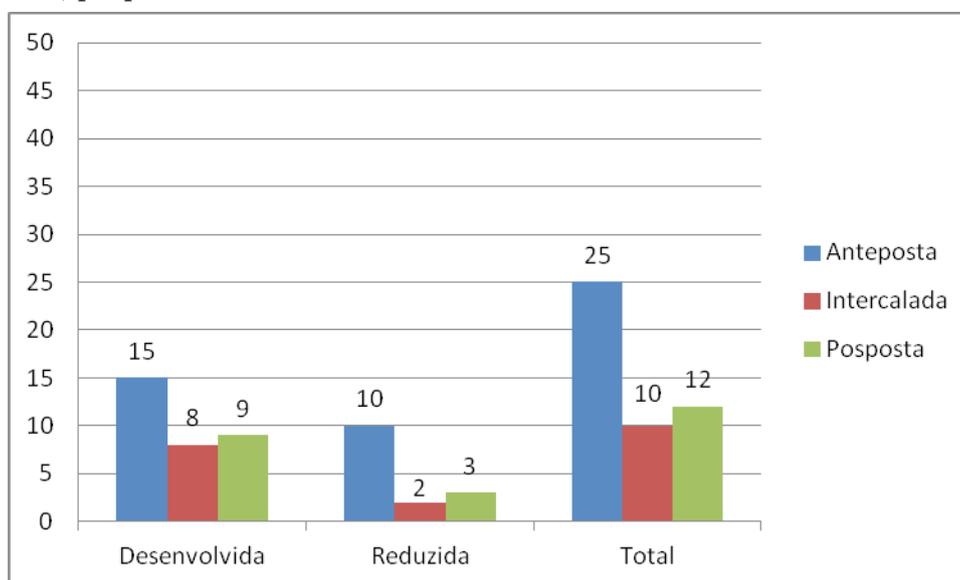
2009. A revista apresenta relatos de indivíduos de várias nacionalidades, mas foram escolhidos apenas os relatos de brasileiros, para garantir a ocorrência do fenômeno analisado em Língua Portuguesa. Uma vez lidos os relatos da seção *Ossos do ofício*, foram localizadas quarenta e sete (47) ocorrências de Orações Temporais a serem analisadas com base nas seguintes variáveis: posição (oração anteposta, intercalada, posposta em relação à nuclear), tipo (desenvolvida e reduzida) e relação temporal (anterioridade, simultaneidade e posterioridade).

Após a coleta, os dados foram contabilizados; e os resultados, organizados em forma de gráficos, para uma melhor apresentação ao leitor.

Análise e discussão dos resultados

A partir de agora, seguem-se os resultados da análise das 47 ocorrências localizadas, observando como cada variável escolhida motivou a ordem das Temporais. Relacionando-se tipo e posição, pôde-se perceber que há uma preferência pela utilização de Orações Desenvolvidas, conforme se vê no gráfico 1:

Gráfico 1 – Tipo de oração (desenvolvida, reduzida) versus Posição da oração (anteposta, intercalada, posposta)



De acordo com Givón (1995), as estruturas menos marcadas são mais frequentes, por serem menos complexas estruturalmente e cognitivamente. Por ter a conjunção temporal expressa, as desenvolvidas são preferidas pelo falante por exporem claramente a noção de tempo, o que não acontece com a oração reduzida, em que o verbo é posto em

uma das formas nominais e há uma omissão da conjunção temporal, deixando mais vaga a relação temporal. Nos exemplos (06) e (07), são apresentados, respectivamente, um exemplo de Oração Desenvolvida e outro de Oração Reduzida:

- (06) “**Quando olhei a folha**, estava escrito:” (maio 2003, p. 27).
(07) “**Ao sair da sala e deparar com o referido senhor**, ela não hesitou e lhe disse:” (maio 2002, p. 29).

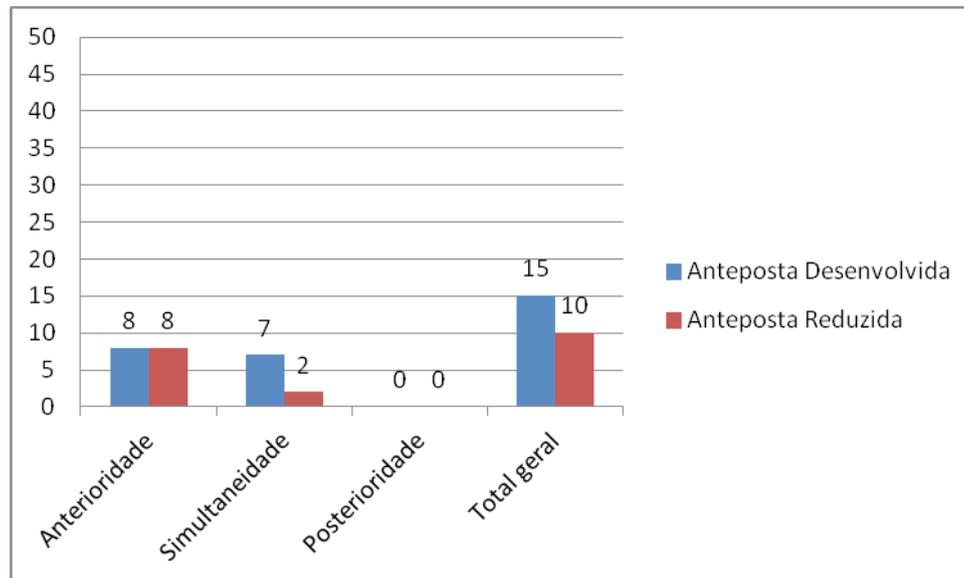
O gráfico 1 também mostra haver predileção pela anteposição das temporais em relação ao seu núcleo ou oração principal. Empreendeu-se, portanto, uma busca pela motivação da anteposição das orações e foi constatado que há uma estreita relação entre posição e relação temporal.

Com relação à colocação da oração temporal antes da nuclear, foi notado que a anteposição é motivada pela anterioridade do fato, ou seja, quando o falante vai narrar algo, ele tende a organizar o período de acordo com a ordem dos acontecimentos. Sendo assim, se o fato exposto pela temporal tiver se passado antes do narrado pela nuclear, a adverbial tende a ser colocada antes.

O princípio que rege essas ocorrências é previsto por Givón (2001), que considera a ordem das orações como um reflexo da ordem dos eventos. A preferência pela anteposição das orações também pode ser explicada à luz de outros aspectos da iconicidade givoniana, pois, de acordo com o subprincípio de ordem de ocorrência e ordem reportada, as informações mais importantes ou mais urgentes são as primeiras a serem narradas.

Das 25 antepostas, houve uma preferência pelas desenvolvidas, fato que já foi explicado anteriormente. Ao observar a relação temporal, a maioria dos fatos narrados expressa anterioridade ou simultaneidade, como se vê no gráfico 2:

Gráfico 2 – Posição da oração (anteposta)/Tipo de oração (desenvolvida, reduzida) versus Relação temporal (anterioridade, simultaneidade, posterioridade)



Vê-se que não foi encontrada nenhuma ocorrência de oração anteposta com relação temporal de posterioridade, já que o fato de haver uma anteposta expressando relações de posterioridade feriria o subprincípio de ordem de ocorrência e ordem reportada (GIVÓN, 2001). O gráfico 2 mostra que orações antepostas encerram, comumente, relação temporal de anterioridade ou simultaneidade, como mostram os exemplos (08) e (09), respectivamente:

(08) “**Ao anotar o número ditado pelo meu pai**, ele exclamou:”
(ago. 2003, p. 28).

(09) “**Ao ligar para o sócio a fim de repassar um número de telefone**, meu pai tinha em mãos o número do sócio e aquele que seria repassado” (ago 2003, p. 28).

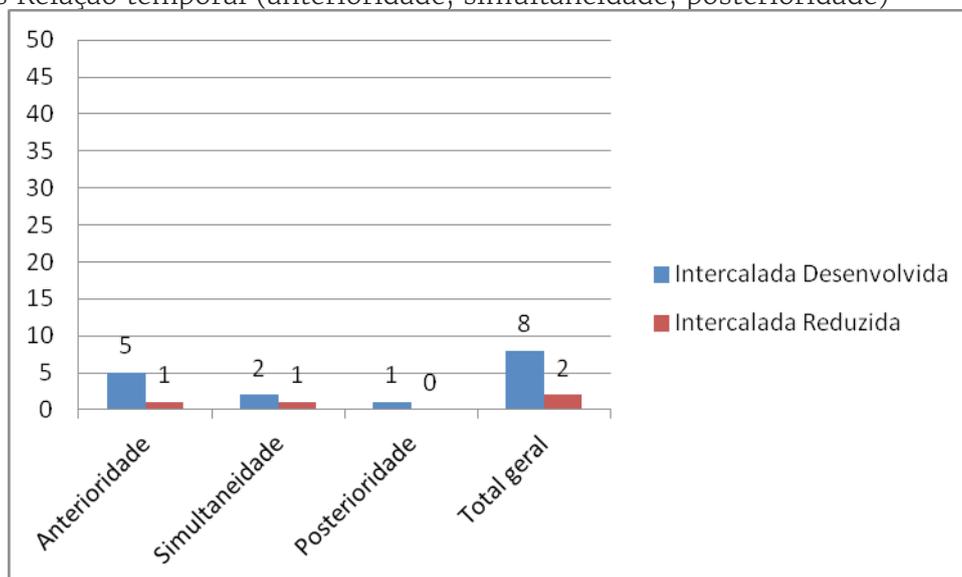
Em (08), os eventos se deram na seguinte ordem: 1. anotação do número ditado pelo pai; 2. O gesto de exclamação. Essa mesma ordem é mantida na narração do evento. Como os fatos da temporal se deram antes, eles são os primeiros a serem narrados, refletindo ordem icônica.

Em (09), os eventos, simultâneos, são os seguintes: 1. A ligação para o sócio; 2. O fato de o pai ter o número do sócio em mãos. Porém, a ligação para o sócio é narrada em primeiro lugar, para guiar o interlocutor. A função de guia, portanto, motiva a ordem, como sugerido por Decat

(2001) e Cavalcante (2015). Além disso, observemos que, no dado (08), bem como no dado (07), a oração principal à que a anteposta está relacionada é apresentada com dois pontos após o verbo, sinalizando para um discurso direto mais a frente. É possível, então, que o usuário da língua também utilize a anteposição (evitando a posposição) para não haver material interveniente entre o verbo de elocução e o que será enunciado.

Quanto às intercaladas, o gráfico 3, abaixo, mostra que tendem a expressar relação temporal de anterioridade.

Gráfico 3 - Posição da oração (intercalada)/Tipo de oração (desenvolvida, reduzida) versus Relação temporal (anterioridade, simultaneidade, posterioridade)



Embora intercaladas, esse tipo de oração tem mais relação de dependência com uma das duas orações próximas. Geralmente, quando a intercalada está mais relacionada com a oração que a sucederá, então há uma relação de anterioridade, como pode ser visto no exemplo abaixo:

- (10) “Absorta na conversa de negócios com o passageiro que se sentou no banco da frente, **somente quando cheguei ao elevador** me dei conta de que os outros dois clientes não nos acompanhavam” (jun. 2002, p. 32).

Em (10), a temporal intercala-se entre uma oração guia, que direciona o interlocutor; e outra, que serve de núcleo. Percebe-se que, das duas orações que a circundam, a temporal escopa apenas a última. Assim, considerando apenas as duas últimas orações, essa temporal

intercalada também pode ser considerada anteposta, daí se explicar a relação temporal de anterioridade. Isso mostra que a intercalação é, de fato, um padrão complexo, pois apresenta características ora de antepostas, ora de pospostas. Por isso, é necessário estabelecer critérios bem definidos para delimitá-las⁶.

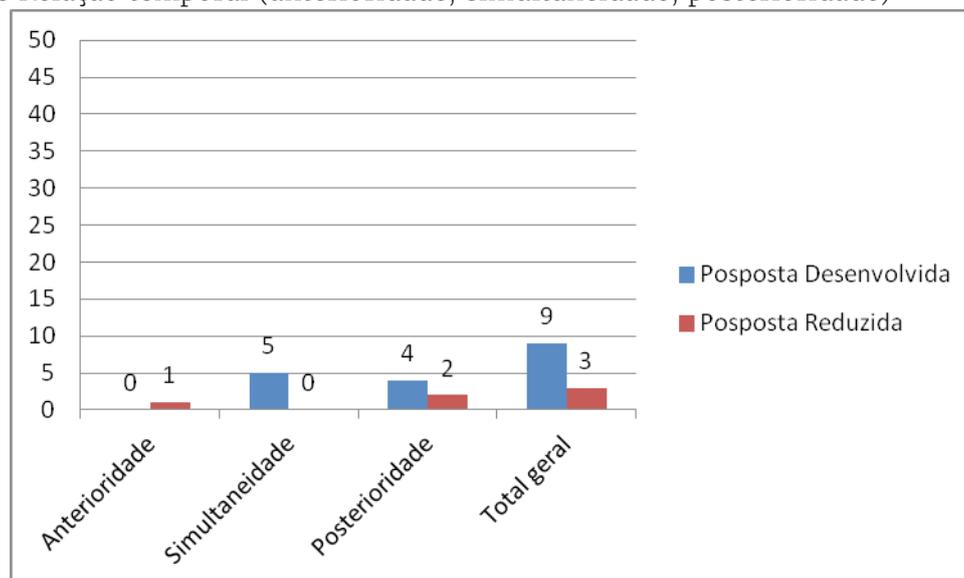
Se, em geral, antepostas expressam anterioridade e pospostas expressam posterioridade, espera-se que as intercaladas encerrem relação temporal de simultaneidade, como em (11):

- (11) “Toda vez que vou tomar banho, **assim que abro o chuveiro**, o telefone toca e meu cachorro late - respondeu ela” (set. 2003, p. 28-29).

Na situação apresentada em (11), abrir o chuveiro, o telefone tocar e o cachorro latir são ações simultâneas. Exemplos como esse validam a hipótese inicial acerca das intercaladas e a relação temporal que expressam. Porém, de acordo com os resultados do gráfico 3, a relação mais frequente expressa pelas intercaladas é de anterioridade, possivelmente pelo fato de a intercalada vir, frequentemente, antes da oração que escopa.

Quanto às orações pospostas, o gráfico 4, a seguir, mostra que, assim como as antepostas, elas encerram estreita relação posição/ relação temporal, refletindo o princípio givoniano de iconicidade:

Gráfico 4 - Posição da oração (posposta) /Tipo de oração (desenvolvida, reduzida) versus Relação temporal (anterioridade, simultaneidade, posterioridade)



⁶ Em uma busca pela literatura, ainda não há um tratamento tão específico que dê conta de delinear bem as intercaladas. Por questões de espaço, não será possível fazê-lo aqui.

O gráfico mostra que relações de simultaneidade e posterioridade, respectivamente, caracterizam as pospostas.

Das nove pospostas encontradas, cinco encerram noção de simultaneidade, casos em que, na oração principal, quase sempre aparecem verbos no gerúndio, como se pode ver no exemplo (12):

- (12) “Estava terminando de atender um paciente na enfermaria do hospital, **quando uma colega me chamou para ir ao posto**” (nov. 2008, p. 159).

Ocorrências como (12) revelam que a temporal não apenas funciona como circunstanciadora das ações da temporal, mas também pode funcionar como Figura, contribuindo para o desenvolvimento da narrativa. Para Souza (2006), essas orações são denominadas *atípicas*, por seu caráter diferenciado das demais temporais. Na pesquisa de Cavalcante (2015), as temporais atípicas tiveram um peso considerável na determinação da posposição (peso 0.588). Assim, explica-se a posposição porque “a temporal com essas características marca o início de um novo evento, e indica a sequência narrativa” (CAVALCANTE, 2015, p. 75). Além disso, “um critério formal para identificá-las seria o princípio de remoção de temporal, em que a oração complexa careceria de sentido se a temporal fosse removida” (CAVALCANTE, 2015, p. 75). Tal asserção revela o quão importante é a temporal atípica para a narração dos eventos.

De forma a verificar o princípio givoniano de ordem de ocorrência e ordem reportada, hipotetizou-se que as pospostas encerrariam relação de posterioridade. Como visto no gráfico, a hipótese também pode ser validada. Vejam-se ocorrências como (13):

- (13) “O telefone tocou, ela atendeu e conversou com o paciente, **até que este perguntou o valor da cirurgia**” (fev. 2009, p. 142).

Percebe-se, nessa narração, que o falante organiza suas orações na mesma ordem em que os eventos ocorreram. No que diz respeito à marcação (GIVÓN, 1995), tal estratégia contribui para a diminuição da complexidade cognitiva da narração, e isso explica a frequência considerável da relação posposição/posterioridade.

Entre as pospostas, somente uma trouxe valor de anterioridade. Veja-se o exemplo (14):

- (14) “Fiquei surpresa **ao verificar o “assunto” de uma das mensagens**” (dez. 2008, p. 159).

Essa ocorrência parece aparentemente contraditória levando em conta o que foi dito até agora, mas pode ser explicada pautando-se em dois motivos: o primeiro é o fato, exposto por Lima (2009, p. 33), de que “o princípio da iconicidade (...) precisa ser visto com cautela, para não se cair na inadequação de postular que a relação forma/função é 100% icônica”. Ou pode ser que ocorrências como estas não firam o princípio da iconicidade, considerando-se que talvez o falante tenha colocado o sintagma verbal à frente, pois, para ele, o mais importante seria o fato de ter ficado surpreso e não o porquê da surpresa. Vê-se, portanto, uma aplicação do princípio givoniano, quando considera que o mais importante é dito logo no início do enunciado.

Em face do exposto, percebe-se forte relação entre ordem de orações e relação temporal. Destaca-se, assim, uma estratégia de organização oracional dispor as orações na mesma ordem em que os eventos ocorreram.

Considerações finais

O presente trabalho propôs-se a analisar, com base no princípio givoniano de iconicidade (GIVÓN, 2001) e pautado em estudos funcionalistas, as motivações discursivas que levam o falante a organizar suas orações, neste caso em particular, as Orações Adverbiais Temporais em relatos cômicos. Para tanto, verificou-se a influência dos fatores *tipo de oração* (reduzida, desenvolvida) e *relação temporal* (anterioridade, simultaneidade, posterioridade) na posição de temporais (anteposição, intercalação, posposição) em relação à nuclear.

Com base nos resultados apresentados, percebeu-se que houve uma preferência pela utilização de Orações Desenvolvidas e também uma predileção pela anteposição das Orações Temporais em relação ao seu núcleo ou oração principal em 25 das 47 ocorrências. Observou-se que as antepostas, em geral, funcionam como guia, direcionando e situando o interlocutor para o que será narrado.

Em relação ao princípio de iconicidade na perspectiva givoniana

(GIVÓN, 2001), as orações tendem a ser ordenadas segundo as relações conceptivas ou temporais, decorrentes dos fatos ou estados-de-coisas que designam. O princípio de iconicidade *ordem de ocorrência* e *ordem reportada* foi validado nos resultados, pois os autores dos relatos preferiram dispor as orações na mesma ordem em que se deram os eventos. Percebeu-se, também, que o uso do gerúndio motiva a simultaneidade dos fatos, sendo também explicado pelos princípios de iconicidade de Givón (2001). Outro aspecto importante a ser ressaltado também é reflexo do princípio de iconicidade: é o fato de que a anterioridade das temporais também pode ser explicada pelo seu grau de importância, pois, segundo Givón (2001), o que é mais importante e urgente é dito em primeiro lugar.

Tais fatos também podem ser explicados à luz do princípio givoniano de marcação. A preferência por utilizar mais Orações Desenvolvidas e por ordenar orações de acordo com a ordem em que os eventos aconteceram torna a narração mais simples em termos de processamento cognitivo. Segundo o autor, estruturas não-marcadas são cognitivamente e estruturalmente mais simples e, por isso, são mais frequentes.

Por fim, entende-se que o produtor da sentença lança mão de estratégias na intenção de tornar seu discurso mais claro e objetivo. Estruturas mais simples ou que reflitam princípios de iconicidade são preferidas em detrimento de outras mais complexas. Os dados que fogem a esse padrão precisam de motivações especiais ou aplicação de outros princípios para se manifestarem na língua.

Referências

ANTONIO, Juliano Desiderato; FUZA, Ângela Francine. As construções condicionais em uma perspectiva funcionalista no livro didático de língua portuguesa. **Revista voos**: Revista Eletrônica Polidisciplinar da Faculdade Guairacá. Ano 01, n. 01, p. 23-34, jul. 2009. Disponível em: <http://www.revistavoos.com.br/edicoes/2009/volume1/CadernoLetras/Linguisticos/PDFs/02_Vol1_VOOS2009_CL1>. Acesso em: 09 abr. 2010.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1999.

BRASIL, Ângela Varela. **Ordenação de circunstanciais em textos escritos no PB e PE**: um estudo contrastivo. Rio de Janeiro, 2005. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2005.

CAVALCANTE, Sávio André de Souza. **Análise sociofuncionalista da ordenação**

de cláusulas hipotáticas adverbiais temporais no Espanhol mexicano oral. 2015. 182 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em: <http://www.teses.ufc.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=14314>. Acesso em: 28 dez. 2015.

CHAFE, Wallace. Linking intonation units in spoken English. In: HAIMAN, John; THOMPSON, Sandra A. (eds.). **Clause combining in grammar and discourse.** Amsterdam: John Benjamins Publishing, 1988, p. 1-27.

CIPRO NETO, Pasquale; INFANTE, Ulisses. **Gramática da Língua Portuguesa.** São Paulo: Scipione, 1998.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. A articulação hipotática adverbial no português em uso. In: DECAT, Maria Beatriz Nascimento; SARAIVA, Maria Elizabeth Fonseca; BITTENCOURT, Vanda de Oliveira; LIBERATO, Yara Goulart (Orgs.). **Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista.** 1. ed. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2001, v. 5, p. 103-166.

DIK, Simon Cornelis. **The theory of functional grammar.** Dordrecht: Foris Publications, 1989.

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar.** Philadelphia: J. Benjamins, 1995.

_____. **Syntax: an introduction.** Amsterdam: J. Benjamins, 2001.

GÖRSKI, Edair Maria. Motivações discursivas em competição na ordenação de orações temporais. **Letras de Hoje**, PUC-RS. Porto Alegre, v. 35, p. 97-120, 2000.

GUY, Gregory Riordan; ZILLES, Ana. **Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise.** São Paulo: Parábola, 2007.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **An introduction to functional grammar.** Australia: Edward Arnold, 1985.

LIMA, Maria Claudete. **A não-atribuição de causalidade na Crônica Geral de Espanha de 1344.** Tese de Doutorado. PPGL – Universidade Federal do Ceará, 2009, p. 33-36.

NEVES, Maria Helena de Moura; BRAGA, Maria Luiza. Hipotaxe e Gramaticalização: uma Análise das Construções de Tempo e de Condição. **DELTA**, São Paulo, v. 14, n. spe, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300013&lng=en&nr_m=iso>. Acesso em: 07 jun 2010. doi: 10.1590/S0102-44501998000300013.

PAIVA, Maria da Conceição de. Restrições à posição de S_{preps} temporais na modalidade falada. **Alfa: Revista de Linguística**, UNESP, São José do Rio Preto, v. 56, n. 1, p. 29-53, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/alfa/v56n1/03.pdf>>. Acesso em: 28 dez. 2015.

PEREIRA, Marli Hermenegilda. Fatores inibidores da flexibilidade de ordenação das orações temporais. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 33, p. 733-738, 2004. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2004/4publica-estudos2004-pdfs-comunic/fatores_inibidores.pdf>. Acesso em: 28 dez. 2015.

PINEAU, Gaston & LE GRAND, Jean-Louis. **Les Histoires de Vie**. 2ème ed. 8e mille. Paris : PUF, 1996.

ROCHALIMA, Carlos Henrique da. **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Análise quantitativa e tópicos de interpretação do Varbrul. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 4. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2012. p. 147-177.

SELEÇÕES READER'S DIGEST. Rio de Janeiro: Reader's Digest Brasil Ltda., 2002. Mensal. ISSN 1516-7038.

_____. Rio de Janeiro: Reader's Digest Brasil Ltda., 2003. Mensal. ISSN 1516-7038.

_____. Rio de Janeiro: Reader's Digest Brasil Ltda., 2008. Mensal. ISSN 1516-7038.

_____. Rio de Janeiro: Reader's Digest Brasil Ltda., 2009. Mensal. ISSN 1516-7038.

SOUZA, Maria Suely Crocci de. Menino saía da praça quando foi atingido por uma bala perdida: a cláusula temporal atípica. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, n. 35, p. 1413-1422, 2006. Disponível em: <<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/1190.pdf>>. Acesso em: 28 dez. 2015.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. 3. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2012. p. 51-57.

Recebido em: 28 de dez. de 2015.

Aceito em: 15 de jul. de 2016.